

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000.— Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIEVS N. 7

SUMMARIO

JOÃO ROSA	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A TUA VOZ.	Adelina A. Lopes Vieira.
MARIO UCHARD.	Amarante.
GRÃO SENHOR.	Arthur Guimarães.
« PALLIDAS » E « PHANTOS »	Cosimo.
NINHO DESPEDAÇADO.	Leonidas e Sá.
BIOGRAPHIA DE UMA PENNA	Maria C. da Cunha Santos.
SONETO.	Padre Corrêa de Almeida.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
VACUO.	Adelino Foutoura.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. HENRIQUE DE SÁ

JOÃO ROSA

Filho legitimo do actor João Anasthacio Rosa, que tanto nome deixou, e de D. Adelaide Vidoeira Rosa, nasceu o estimadissimo artista em Lisboa, aos 18 de Abril de 1844.

Nunca foi amator, nunca representou em «theatrinhos particulares»; enfrentou desde logo com o verdadeiro publico, no Porto, aos 12 de Novembro de 1864, em companhia de seu pae, na comedia as *Jóias de familia*, de Cezar de Lacerda.

No anno seguinte ao d'essa auspiciosa estreia, apresentou-se ao publico da capital portugueza, no theatro D. Maria II—que havia de ser o seu treatro—, desempenhando com exito um papel no drama *Sabina Maupin*.

Estudando sempre sob a direcção de seu pae, tornou-se em pouco tempo um actor notavel, e conseguiu verdadeiros *successos* em muitos dramas, de entre os quaes destacaremos os *Fidalgos de Bois Doré*, os *Amores de Condé*, *Nobres e plebeus* e a *Vida infernal*.

Pouco depois baixava á sepultura o grande Tasso, uma das glorias do palco portuguez, e coube

a João Rosa a missão difficillima de substituil-o. Qual foi o resultado de tão honrosa incumbencia? Que o diga o entusiasmo, o delirio que o joven artista causou, representando o papel de Gennaro, da *Lucrecia Borgia*, de V. Hugo, o de Karlow, da *Patria*, de Sardou, o do marquez Gastão de Presle, do *Genro do Sr Poirier*, de Augier, e outros.

Em 1872 sahio João Rosa do theatro D. Maria II e entrou para o Gymnasio, onde se conservou dous annos, passando em 1874 para a Trindade. Neste ultimo theatro estava deslocado; ainda assim, é celebre a interpretação que elle ahi deu a um papel de farça, o do criado, na *Boule*, de Meilhac e Halévy.

Depois de passar um anno na Trindade, voltou João Rosa para o seu theatro, para o D. Maria, de onde só tem sahido para realisar pequenas viagens de instrucção e recreio pela Europa, raras excursões artisticas pela provincia, e as tres grandes *tournées* do Brasil, que tem feito com os seus companheiros de palco.

*

A segunda phase da vida artistica de João Rosa, que começou da data em que elle voltou para o D. Maria II, tem sido até hoje uma serie não interrompidas de triumphos. Longa e fastidiosa seria a enumeração de todos os seus papeis: basta citar o marquez, do *Fidalgo pobre*, o Carlos V, do *Hernani*, o Iago, do *Othelo*, o Bellac, da *Sociedade onde a gente se aborrece*, o Gian-Battista, do *Severo Torelli*, os seus grandes e gloriosos papeis de Richelieu e Luiz XI, e, no repertorio moderno portuguez, o D. João II, do *Duque de Viseu*, e o D. Pedro I, da *Morta*, de Lopes de Mendonça, o prior, dos *Velhos*, de D. João da Camara, e esse magnifico Froilão Dias, do *Alfageme de Santarem*, de Almeida Garrett, a sua ultima criação.

*

Em 1876 João Rosa casou-se com uma senhora distinctissima, da primeira sociedade de Lisboa,

sobrinha dos marquezes de Penafiel, descendente de paes e avós brasileiros.

Entre outras distincções honorificas, recebeu do governo do seu paiz o habito da Ordem de São Thiago

*

Fechará este ligeiro artigo a transcripção, em parte, das palavras que o director do *Album* ha dias escreveu para a polyanthia distribuida em honra de João Rosa, na noite de seu beneficio:

« Ali está um dos actores que eu mais aprecio.

Estudioso, sobrio, correcto, despreoccupado d'esses effeitos extravagantes que certos artistas conseguem diante de certas plateias, respeitador da prosodia portugueza, laboriosamente mettido na pelle de seus personagens e incapaz de trazel-os á luz da rampa sem um trabalho completo de interpretação, João Rosa é hoje o rebentão mais illustre, talvez, d'aquella gloriosa geração de artistas portuguezes que se chamaram Tasso, Emilia das Neves, Theodorico, Rosa pac, José Carlos dos Santos e outros.

Fóra do theatro, na rua como na sala, tanto pela *tenue* como pela *retenue*, João Rosa é ainda um artista cioso da dignidade de sua arte, porque — e ninguem me diga o contrario — na profissão do actor o homem da sociedade reflecte fatalmente sobre o homem do palco, e um completa o outro.

Quem não conhecesse João Rosa e tratasse dez minutos com elle, tomal-o-ia por um d'esses fidalgos de sangue — ainda as ha em Portugal — empenhados em respeitar e prolongar a fama de seus avós »

Essa é a opinião geral, esse é o juizo que todos fazem de João Rosa.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Permittam os leitores do *Album* que eu deixe de parte o Rio Grande do Sul, o Senado, o Wandenkolk, o Ruy Barbosa, mesmo o assassinato da rua de Saito Antonio, para dizer-lhes que assisti, terça-feira passada, ao jantar do Centro Artístico, — o jantar de Agosto, do qual se encarregou o Assis Pacheco.

Sim, porque o Centro Artístico, associação nascida no Instituto de Musica e na Escola de Bellas-Artes, dá um jantar todos os mezes, e de cada *menu* se encarrega um dos socios, previamente designado para esse fim.

Parece-me que esses agapes têm character reservado, mas... — que querem? — fui honrado com um convite especial, e não se convida impunemente um escrevinhador de chronicas para um banquete de artistas...

A festa, presidida por Leopoldo Miguez, correu alegremente, num tiroteiro de ditos espirituosos e sonoras gargalhadas. Não se fallou em politica,

nem se disse mal dos ausentes. Em compensação, conversámos bastante sobre coisas de arte, e assim se passaram quatro horas agradabilissimas.

Estavam presentes: Assis Pacheco, o encarregado do *menu*, que distribuiu á meza alguns exemplares, magnificamente impressos pelo editor Bevilacqua, da sua romanza *Decembre*, poesia do erudito professor Parlagreco, tambem presente; Frederico do Nascimento, o grande poeta do violoncello, questionando sempre, e muito contrariado porque o seu visinho de meza, Medeiros e Albuquerque, era de sua opinião; Rodolpho Amoedo; Rodrigues Barbosa; Modesto Brocos, muito satisfeito com o retrato de Annibal Falcão, que elle acaba de pintar; Raul Pompeia, que propoz calorosamente aos seus consocios, e foi aceita, uma grande manifestação do Centro á estatua de José Bonifacio no dia 7 de Setembro; Rodrigues Côrtes; Fertin de Vasconcellos, director e proprietario da *Gazeta Musical*; o *maestro* Porto-Alegre, o architecto Buccarelli; e... Mas pelo amor de Deus! é impossivel cital-os a todos!

Faço votos para que o Centro Artístico, adiantando-se além do terreno, aliás muito civilizador, da culinaria e da gastronomia, se torne um verdadeiro centro... de operações pela Arte.

*

Audaces fortuna juvat, eis ahi a divisa que deviam adoptar os Srs. Magalhães & C., proprietarios da Livraria Moderna, Assembleia, 23. A uns homens assim não me importa fazer escaudallass *reclames*.

Esses editores litterarios — litterarios por excellencia — são de uma intrepidez até hoje desconhecida em terras de Santa-Cruz.

Esta semana atiraram ao mercado nada menos de tres obras de certo valor: *Celeste*, romance de Delia, — *Blocos*, contos e phantasias de Isaias de Oliveira, — e *Broqueis*, versos de Cruz e Sousa!

Têm a sahir do prelo a *Normalista*, de Adolpho Caminha, e no prelo a *Sogra*, de Aluizio Azevedo, as *Estrophes*, de Fontoura Xaxier, e as *Rimas de outr'ora*, de Affonso Celso!

Além d'essas obras, todas brasileiras, irão successivamente publicando outras muitas, para o que têm contracto firmado com os respectivos autores!

Enforca-te, B. L. Garnier!

*

A proposito:

Está publicado em livro o romance de costumes fluminenses, a *Capital Federal*, de Anselmo Ribas, que, todos o sabem, é um dos pseudonymos do nosso Coelho Netto.

Os *Demonios* e a *Mortalha de Alzira*, de Aluizio Azevedo, não tardam tambem por ahi.

*

Ainda outro novidade litteraria:

Appareceu em livro o romance *Encarnação*, de José de Alencar, publicado ha muitos annos em fo-

lhetins pelo *Diario Popular*, e não pela *Folha Nova*, como disseram hontem os meus collegas da *Gazeta de Noticias*.

A edição foi feita pelo poeta Mario de Alencar, filho do grande escriptor brasileiro.

*

Sob o risco de escrever hoje uma coisa mais parecida com um annuncio que com uma chronica, direi que um dos acontecimentos da semana foi a inauguração da *Casa Colombo*, que hontem se realisou. Trata-se de mais um grande estabelecimento de artigos destinados ao bello sexo masculino, no mesmo genero do *Preço Fixo* e da *Torre Eiffel*. A loja é uma das mais bonitas da rua do Ouvidor, e é, incontestavelmente, a de feitio mais moderno.

*

E sou obrigado a fazer de uma lagrima o ponto final d'este artigo !

Acaba de fallecer, em pleno vigor da idade e do talento, o illustre cearense barão de Sobral, José Julio de Albuquerque Barros, juriconsulto eminente.

José Julio prestou relevantissimos serviços á Patria, batendo-se, como jornalista, por todas as ideias liberaes, — administrando sabiamente as provincias do Ceará e do Rio Grande do Sul, aquella durante o terrivel periodo da secca, — dirigindo, com inexcedivel zelo e criterio, as secretarias da Agricultura e da Justiça — e, finalmente, occupando com brilhantismo o cargo de Procurador Geral da Republica.

E' mais um grande brasileiro que desaparece no tumulo !

*

Tem a semana ainda outro cadaver, um cadaver anonymo, arrojado á praia da Copacabana, e que se suppõe ser de algum cholerico do *Carlo R.*, o navio *Ahsverus*, — mas basta de coisas tristes !

A.

A TUA VOZ

NO ALBUM DE ZALINA ROLIM

Mais que de uma harpa o soluçar plangente,
Mais que da flauta a nota crystallina,
Da tua voz a musica divina
Attrae e encanta deliciosamente.

Tão fiebil e tão meiga, brandamente
Em minh'alma penetra a peregrina,
Como por fresta occulta e pequenina
Entra um raio de sol na treva algente.

Canta, poetisa, uns poemas delirantes,
E ás mãos cheias esparge caridosa,
Do teu thesouro os fulgidos diamantes!

Canta! dedilha a lyra sonora !
Quero, em extasi, ouvir os sons tocantes
Da tua voz dolente e harmoniosa.

ADELINA AMELIA LOPES VIEIRA.

MARIO UCHARD

Falleceu em Pariz, com 69 annos, este escriptor, que teve a sua hora de celebridade.

Succumbio a uma laryngite ; não se suicidou, como disse uma folha d'esta capital.

Mario Uchard casara-se com a famosa actriz Madeleine Brohan, mas separou-se d'ella logo depois do casamento.

Escreveu muitas peças de theatro e alguns romances ; d'aquelles foi *Fiammina* a que obteve mais successo, e é considerada com um autobiographia ; d'estes o que mais agradou foi *Mon oncle Barbassou*, publicado na *Revista dos dous mundos*.

Ao enterro de Mario Uchard compareceram quinze pessoas, e entre estas apenas dous litteratos conhecidos : Aurelien Scholl e Philippe Gille.

AMARANTE.

GRÃO SENHOR

Já o viste algum dia ?

Tem a attracção do iman, possui o seductor sorriso das mulheres formosas e, numa palavra, é Grão Senhor bajulado por meio mundo, sequestrado por todos e principalmente adorado por muitos até a idolatria.

Suave criação do genio commercial, tem, no meio onde governa, absoluto imperio, e tão depressa o encontras meigo como arrufado, sincero como mentiroso, predisposto ao bem como ao mal.

E' multiforme no sentir, hermaphrodita no ser, blindado de precauções no fallar, e tardo e instantaneo a um tempo no agir.

Ha alguma coisa de nebuloso e de indeciso no seu olhar impossivel de traduzir, e basta que cerre levemente as palpebras, para que ninguem possa devassar-lhe as intenções, as vontades, os designios.

E', portanto, nas arcadas orbiculares que elle concentra a maior somma de forças, as quaes o habilitam a proceder quasi sempre com segurança.

Pobre ou rico, pratica sempre do mesmo modo, discretamente, egoisticamente.

Facto digno de menção: é victima de callos e, se alguem lh'os piza, protesta logo e com vehemencia.

Nem serve de attenuante o descuido ou a distracção de quem incorre nas iras do Grão Senhor, porque elle guarda rancor e promette vingar-se.

Póde expellir fogo ou verter divina ambrosia, ha sempre quem dispute seu labio da côr do ouro, o que, de resto, é natural em se tratando de um soberano.

Tem o dom da ubiquidade, veste com e sem asseio, é douto e indouto, civil e incivil, conforme a occasião e o logar.

Por amor d'elle ha quem commetta villanias e—
o que é mais extraordinario — ha quem minta a
cada hora, a cada minuto, a cada segundo.

Uma vez encarnado no macaco aperfeiçoado da
civilisação — o homem—, funde-se nelle, sente com
elle e, depois de bem exploral-o, remette-o para a
fascinadora consorte D. Ambição, que está atrás
da cortina e espia de longe os escravos que o espo-
so vac fazendo.

— Quem é, afinal, o typo convencional acima
esboçado, casado com a Ambição ?

E', leitor, o peor dos inimigos da tua alma, é o
preposto da vida sonante, que se chama universal-
mente o Interesse !

ARTHUR GUIMARÃES.

NINHO DESPEDAÇADO

A MINHA MÃE

Oiseaux,

Nichez loin de nous dans l'azur.

Sully Prudhomme (LE PRISME).

Dentro de um ninho, atropeladamente,
Corpos pequenos jazem machucados,
Azas inertes, confundidamente,
Remiges soltas, bicos arrancados !...

Pendid) ha pouco á margem do caminho
Forte rajada ao longe o arremessou!
Quantos amores nesse pobre ninho !
Quanta esperança não se lacerou !

A mãe dos filhos nem sequer suspeita !
O almento procura azafamada,
E, quando volta ao ninho, satisfeita,
Ai ! como é triste a volta desgraçada !

Antes um raio lhe partisse ao meio
Que ver a scena que ella vira agora...
Chuva de espinhos lhe cravára o seio ..
— Quem não tem lagrimas como é que chora ?...

Os pobresinhos nem chamar puderam
A mãe que andava a procurar o pão,
Tristes, trementes, timidos, bem leram
No azul do céu a aza do tufão !

Num desespero lascinante, ó dor ?
Egual ás magoas de Maria em pranto,
Ella em arranco de esplendente amor,
Geme e soluça num funereo canto.

Depois distende sobre o roto ninho
As curvas azas dolorosamente,
E triste morre á margem do caminho...
— Mãe, sempre és bella e nunca indifferente !

Rio. 1893.

LEONIDAS E SÁ.

BIOGRAPHIA DE UMA PENNA

Declinava a tarde melancolicamente. O oceano,
espelho do céu, estava pallidamente azul.

Eu, partilhando da melancolia que accomette a
natureza ao pôr do sol, fui sentar-me á beira mar,
para ver se as vagas me traziam algum lenitivo.

Olhei ao acaso para o chão, e vi uma penna velha
que, ao ver-me fital-a, cortezmente me saudou,
cheia de reverencia, deixando perceber em seus
modos que era penna illustrada ou, pelo menos,
acostumada a grande tratamento.

Correspondendo ao seu gentil cumprimento, ma-
nifestestei-lhe a minha satisfação por encontrar
naquellas paragens uma companheira tão interes-
sante.

Passados alguns minutos, a penna conversava
commigo, tão amigavelmente, como se ha annos
fossemos conhecidas e tivéssemos já dado sobre as
provas de nossa reciproca lealdade. E' que o isola-
mento tem o singular poder de dar um encanto
particular ás expansivas expressões da alma.

Eu, que começava vivamente a interessar-me
pela penna, pedi-lhe que me contasse a causa de
suas magoas, pois ella deixava transparecer a tris-
teza no accento de suas palavras e no tristonho som
de sua voz. Disse-me que procurava a solidão,
para occultar-se do bulicio do mundo, que muito a
incommodava.

Começou, pois, a narrar-me a sua vida, dando á
sua voz aquella expressão de sinceridade, que ja-
mais póde ser imitada.

Disse-me : Eu fui fabricada em Londres, onde as
minhas mais respeitaveis companheiras têm visto a
luz do dia. Passei por innumerous processos até tor-
nar-me uma verdadeira penna, isto é, polida e
acabada.

Comecei, pois, a viver no dia em que fui collo-
cada numa luxuosa caixinha de papelão.

O meu senhor, ou o dono da fabrica a que eu
pertencia, satisfazendo a um pedido, que tivera de
uma casa commercial do Rio de Janeiro, de um
grande sortimento de papeis e objectos de escripto-
rio, fez-me embarcar num grande vapor com des-
tino á capital do Brasil.

No vapor, occupando os compartimentos meos
importantes, fui alojada no porão, de sorte que
fiquei alheia a todas os aventuras de viagem.

Soube, e isso mesmo por um abelhudo tinteiro,
que estavamos quasi a ter um tragico fim, isto é,
a sermos lançados no oceano, porque o piloto, te-
mendo uma grande borrasca, aconselhava que pu-
zessem cargas ao mar. Isso, porém, não se realisou,
porque o accidente, temido pelo piloto, terminára,
dando logar a uma excellente viagem.

Chegada que fui ao Rio de Janeiro, tive um vis-
toso logar numa magnifica *vitrine* da rua do Ou-
vidor. Ahi, ao pé de rico album de autographos,
de lindas caixas de papel phantasia, de bellos



Phototypia J. Gutierrez.

JOÃO ROSA

cartões e de uma grande variedades de tinteiros e canetas, fui collocada.

Já conhecia alguns objectos estrangeiros, como, por exemplo, um areieiro chinês, que me contava maravilhosos casos de seu paiz.

Confesso-vos que senti grande pezar quando fui vendida a um transeunte, e me despedi de minha familia, isto é, das outras pennas, que ficavam na caixinha. Chorei muito.

Nesse mesmo dia o meu novo possuidor fazia-me mergulhar num oceano horrivel, tempestuoso e negro. Estava dentro de um grande tinteiro feio e antigo, suspensa numa caneta de páo, grosseira e roliça. Eu sahia de dentro do tinteiro, nervosa, temendo que o banhista, isto é, a caneta, me deixasse a mão e eu morresse afogada.

Comecei, então, machinalmente, a correr sobre o papel, impulsionada pela forte mão de um robusto estudante de medicina. Era esse o transeunte que me havia comprado.

Tracei grandes trechos de medicina, cheios de termos apropriados. O estudante escrevia a sua these, para apresental-a d'ahi a dias á Faculdade.

Immediatamente senti grande differença, não só sobre o papel em que corria, como tambem sobre a diversidade das expressões.

Os termos medicos foram substituidos por termos amorosos, doces como o nectar celeste de que tanto fallam os poetas.

D'ahi a pouco, nova desillusão: eu fazia o rol da roupa servida e escrevia frios algarismos.

Depois, rabisquei uma feia correspondencia anonyma contra um visinho, fiz um soneto mal metricado, copiei umas notas importantes, até que... já velha, quando precisava de carinho, de consolo, fui atirada á rua.

Hontem embarquei numa pequena enxurrada e vim ter aqui. Quero ver se no meio das vagas encontro o agasalho que os homens me negaram.

Ha pouco, meditando, tinha dito commigo mesma: Quem sabe se teria sido mais feliz se tivesse sido lançada no oceano, na occasião em que o tinteiro e eu rezavamos, supplicando e pedindo pela vida?

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

« PALLIDAS » E « PHANTOS »

As *Pallidas*, poesias do Sr. Dr. Fernando de Alencar, reunidas num volume bem manufacturado na Imprensa Official de Minas Geraes, têm o defeito — gravissimo no genero — de ser um tanto serodias não só na fórma como no fundo.

O poeta explora o explorado: faz versos a Christo, a Mirabeau, a Napoleão etc, mas tão momentosos assumptos nada lhe inspiram que já não se tenha dito... com mais talento.

Ha trinta annos este livro produziria o seu effeito; hoje passará despercebido, como tantos outros, apezar de ser mais correcto e mais sincero que a maior parte dos versos que por ahi se publicam todos os dias.

Não quer isto dizer que o Sr. Dr. Fernando de Alencar seja um puritano da fórma, pois nenhum homem de gosto lhe perdoará, por exemplo, o verso inicial da composição intitulada a *Batalha*:

Se approximando vão os dous exercitos...

Num prefacio, escripto em prosa metricada, o poeta declara que não se prende a nenhuma escola. Eu não lhe peço que tenha uma escola; peço-lhe apenas que seja mais moderno, e não nos dê nesta epoca *pallidos* arremedos de Casemiro Delavigne.

Conto que um novo livro de versos do Dr. Fernando de Alencar me disponha em seu favor. E' o que desejo, se não pelo poeta, que não tenho a honra de conhecer pessoalmente, ao menos pelo seu pesado e glorioso appellido.

*

Na capital do Ceará existe uma sympathica associação de moços litteratos, espanta-burguezes, que se denomina Padaria Espiritual, e mantém—ou mantinha—uma revista muito interessante intitulada o *Pão*.

A Padaria Espiritual tem uma bibliotheca sua, quero dizer, composta exclusivamente de produções dos respectivos *padeiros*. Essa bibliotheca foi agora accrescentada com um voluminho de sessenta e tantas paginas, intitulado *Phantos*, contendo versos que muitas vezes deixam de ser versos, e assignado por Lopes Filho.

Uma carta-prefacio, escripta por Antonio Salles, um *padeiro* de talento, que ha tres ou quatro annos presenteou as lettras com bom volume de *Versos diversos*, predispõe-me em favor do poeta e faz-me de ante mão desculpar os seus defeitos.

*

Os *Simples*, de Guerra Junqueiro, não podiam deixar de exercer uma influencia funesta na poesia brasileira. Este livrinho dos *Phantos* já não é o primeiro symptoma d'essa influencia.

A patacoada do decadismo não se compadece com a nossa lingua nem com o nosso temperamento. Deixem-se essas extravagancias para uma litteratura velha, septica e *blasée* como a franceza, que diz:

Il nous faut du nouveau, ne fût il plus au monde,

e vae respigar no espolio dos *fabliaux* deixados pelos jograes e menestreis da idade media. Verlaine é um Villon redivivo.

Demais — vamos e venhamos! — para seguir as pegadas dos Mallarmés e dos Moreas, e embarafustar por aquelle mysticismo a dentro, é indispensavel um preparo muito especial, que nós não

temos nem podemos ter no nosso meio e com o nosso systema de educação litteraria.

Decadismo ou snobismo á parte, o Sr. Lopes Filho tem os requisitos indispensaveis a um bom poeta, e será lido com muito prazer e com agrado até, desde que se resolva simplesmente a metrificar as suas composições poeticas. Se não se quizer submeter aos «moldes convencionaes do verso», para empregar aqui uma expressão do seu prefaciador, escreva prosa, como Michelet, que foi um grande poeta e nunca fez um verso.

Mas não! — trata-se apenas de ter um pouco mais de paciencia, e a paciencia — já disse alguém — é meio genio. Quem escreve este soneto, só por preguiça ou por pirraça pôde metrificar á moda de um poeta nephelibesta que aqui tivemos, chamado Barreto Bastos:

NUNCA!

Nunca poder contar-to este segredo
Que traz a minha vida angustiada!
Tento ás vezes... vacillo... tenho medo
De trahir-me e trahir-te, minha amada...

E vou vivendo assim neste degredo
Como uma sombra triste, amargurada,
A quem a Dor é quasi que um briquedo,
E a morte uma esperança desejada.

E o que mais doe e mais minh'Alma enluta,
Não é o triste amargor do soffrimento
E o desespero insano d'esta luta:

E' não poder dizer-te o isolamento
Em que vivo por ti, alma impolluta!
O' vida de minh'Alma! ó meu tormento!

Dir-se-ia um soneto de Adelino Fontoura.

*

Dando noticia d'esse livro, o *Paiz*, folha preponderante e de grande circulação, escreve que o decadismo do Sr. Lopes Filho é um motivo para a sua sympathia. Accrescenta que, insurgindo-se contra as regras existentes, os novos poetas arriscam-se por vezes a não fazer versos (*Arriscam-se tem graça!*), mas em compensação readquirem uma liberdade de que por vezes resultam innovações e renovações sonoras e rythmicas, adaptando-se com arte á expressão da ideia.

Para que o leitor veja quanto essas palavras têm de paradoxaes, ahí lhes apresento uns versos que o *Paiz* cita como modelo de taes innovações e renovações:

A rubra flor das trepadeiras,
—Que o vento beija e acaricia—
Quando ellas passam tão ligeiras,
A flor contente halbucia:
—Moças trigueiras,
Que ides ligeiras,
Adeus! Adeus! olá! bom dia!

Mas pelo amor de Deus! isso tem metro, isso são versos, isso é o que faz quem não é decadente!

Aquelle é o metro corrente dos *couplets* das operetas francezas. Quantas vezes tenho escripto d'aquillo!

Entretanto, concordo com o *Paiz* quando affirma que a estreia do poeta é auspiciosa. Isso é. O *pa-deiro* Lopes Filho fabricará, espero, muito bons biscoitos, superiores a estas bolachinhas de agua e sal.

*

E o titulo: *Phantos*? Que quer dizer *Phantos*? Decadismo e mysterio...

Como o Sr. Lopes Filho não *brunio* os seus versos, a principio suppuz que *Phantos* fosse uma abreviatura de *Phantásticos*, supprimidas cinco letras formando a palavra franceza *astic*, que significa *brunidor*.... Mas como isso era levar muito longe a supposição, logo me pareceu que *phantos* fosse o mesmo que *galharufas*.

Mas o que são *galharufas*? perguntará o leitor. Eu lhes digo... ou não lhes digo:

D'antes, nos nossos theatros, quando nos bastidores apparecia, durante os eusaos, algum indiscreto, com cara de tolo, um dos actores chamava-o de parte e dizia lhe:

— O Sr., que está ahí desoccupado, faz-me um obsequio?

— Pois não!

— E' ir ao theatro Tal, e dizer ao actor Fulano que me mande as *galharufas*.

— Oh, diabo! exclamava o actor Fulano. As *galharufas*! E eu que as emprestei ao meu collega Beltrano! O Sr., que não tem que fazer, dê um pulo até lá, é um obsequio...

E o pobre diabo andava assim de theatro em theatro, durante longas horas, á procura das *galharufas*, isto é, de uma coisa que não existia.

Phanto devereser, pois, o mesmo que *galharufa*, ou coisa parecida.

Il nous faut du nouveau, ne fût il plus au monde!

COZIMO.

SONETO

Fornecendo ao leitor amenidades,
O *Album* do Arthur, sympathica revista,
Em retratos fieis expõe á vista
Antitheticas e humanas entidades.

As nossas mais notaveis summidades
Retratadas já formam boa lista,
E a gran pericia do habil retratista
As velhices respeita e as mocidades.

Do bom velho Portella a barba sobra
E sobre o rijo peito se desdobra
Em fios, que parecem de alfenim!

Por contraste gentil e sem rebuço,
Apenas ha subtil ponta de buço
No labio superior do Valentim!

PADRE CORREA DE ALMEIDA.

Barbacena.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

—Conto com elle! — principiou este, que afinal de contas era o proprio que soffreria em perder occasião de desprestigiá Lucio. O modo como vim a participar do conhecimento d'essas tres novidades, tem o seu *que* de interessante. Imagine que nos achavamos, eu e varios amigos, na Confeitaria Oriental, ás horas do *vermouth*.

—E d'ahi ?

—Pois bem, a sala da confeitaria tinha aspecto de subterraneo de conspiradores. Carrero surprendera-nos, e, postos á prova da sua amizade — sim, porque ha individuos que se capacitam de que todos lhes querem do fundo d'alma, que os amam, que deliram por elles — promettemos-lhe ser do numero dos *claqueurs*. Não nos quiz dar o direito de julgar, independentemente, do valor da comedia; exigio da nossa *amizade* que fariamos d'este espectáculo pretexto para uma ovação, de modo que toda a litteratura do doutor Lucio, excellente, *divina*, *sublime*, que sei eu... todo esse talento que a sociedade de Montevidéo applaude sem saber como nem porque, esse genio das Americas, mas ignorado da Europa, carece do applauso dos ignorantes, como eu, applauso esse angariado como dezenas de *pesos* para viúvas pobres.

—O senhor era dos da roda ?

—Como não?... Se a minha desgraça é precisamente essa : ha tres dias que não ia á Confeitaria Oriental; appareço hoje e commigo c Sr. Carrero e toda a sua lista de subscriptores para a collecta de palmas.

—E... naturalmente accedeu ás exigencias...

—Apparentemente, accedi, na realidade não, porque sempre fui amante de conservar a independencia de acção. Para que comprometter-me? A julgar por este primeiro acto, a comedia não valerá os dous *pesos*, que paguei pela cadeira. Depois, não me consta que ao Sr. Carrero sobrem conhecimentos de litteratura para qualificar valores de comedias e *comediantes*...

—Comediographos — corrigio Carmen.

—Isto — continuou, disfarçando a decepção que lhe viera dar a moça interrompendo-o — isto quanto á comedia; a demais ha a antipathia natural que voto ao doutor Lucio.

—Antipathia ? — disse, em voz baixa, Carmen, de modo a não ser ouvida de Dolores. Só antipathia?

— Antipathia e ciúmes.

—Segredam — pensou a esposa do coronel Blanco — tanto melhor; mal sabe este moço que me

delicia com o seu odio declarado por Lucio, e vae imprimindo movimento ao plano que concebi.

E, para gosar ainda do desamor exagerado que o moço dedicava á comedia de Lucio, arriscou defendel-a.

—Creio em tudo que nos diz, Guilherme, — entretanto, parece-me que o doutor Lucio é o menos culpado. Não foi Carrero o autor d'esta ovação planeada ?

— Foi.

— Não foi ainda Carrero quem divulgou o nome do autor da peça ?

— Sem duvida.

— Nesse caso, Lucio ignora o que se passa.

— Assim póde parecer. A diplomacia tem recursos. Quanto a mim, Carrero e Lucio foram, neste assumpto, dous verdadeiros diplomatas. Carrero trabalha, apparentemente, ás occultas do amigo; na realidade, porém, estão de accordo. Bem facil é de comprehender que o doutor não poderia andar, por ahi, a fazer papel de mendigo. Em compensação, apparenta modestia.

— E' uma excellente qualidade...

— Ou uma refinada hypocrisia.

— E Carrero disse-lhe o nome do autor da comedia?

— Não quiz dizel-o. — E' uma surpresa que vos quero fazer, disse-nos elle na Confeitaria Oriental; todavia, o seu favorito é o doutor, o seu amigo de todas as horas, de quem é o verdadeiro *factotum*. Não pronunciou o nome de Lucio, lá isso é verdade; entretanto, meia hora depois, a cidade — não sei por que milagre — sabia-o por inteiro.

— E é tudo?... — continuou ainda Dolores, sem ver a revolução de alma, denunciada no rosto de sua filha — afinal, o que nos diz são meras hypotheses. Pois a minha opinião é outra: nem Lucio nem Carrero procederam hypocritamente; Carrero bem devia saber que o doutor não consenteria na representação de um papel de semelhante baixeza.

— Defende o... ? perguntou Guilherme, supplicando com o olhar.

— Não aceuso, nem defendo; procuro apenas ser justa.

— Accresce mais; segundo me communicou um amigo que assistio hontem ao ensaio geral, esta comedia é copia, se não traducção, de outra, franchezza. Já vê que me não devo prestar aos caprichos do Sr. Carrero, applaudindo um trabalho que nenhum *trabalho* deu.

O dialogo foi de subito interrompido pela entrada inesperada do coronel Blanco, que apertou na sua a mão franzina de Guilherme.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

VACUO

A HUGO LEAL

Não sei se póde haver padecimento
Mais profundo, mais intimo, e que tanto
Nos ponha n'alma a dor que gera o pranto
Do que um longo e tristonho isolamento.

Não ter um bem sequer no pensamento,
Nem o calor de um lar, nem o encanto
De um amor de mulher, suave e santo,
E' viver sem nenhum contentamento.

Bem sei que é bom soffrer, e me parece
Que esta vida sem dor nada seria
E que é por isso até que se padece ;

Mas esta solidão continua e fria,
Chega a ser tão cruel, que a não merece
Um coração que a dor mereceria.

ADELINO FONTOURA.

THEATROS

LYRICO.— Não nos illudamos, meus senhores ; o nosso publico ainda não comprehende nem aceita Wagner. O *Lohengrin* foi recebido com um entusiasmo frio e discreto, um entusiasmo de *noblesse oblige*. Notava-se no publico a preocupação de bater nos peitos e pedir perdão pela reserva com que ha dez acolheu, naquelle mesmo theatro, a partitura sublime.

No fundo, o que mais lhe agradou foi a *mise-en-scène*, que é, realmente, de primeira ordem, não só pela riqueza como pela propriedade dos scenarios, vestuarios e accessorios.

Entretanto, o *Lohengrin* foi irreprezivelmente executado, não só pela orchestra, debaixo da portentosa batuta do grande Mancinelli, como pelos cantores. De Marchi (*Lohengrin*) e Gabbi (*Elza*) estiveram arreatadores, principalmente no duetto do 2º acto. Emma Leonardi foi uma excellente Ortrudes ; Camera (*Frederico*) cantou como de costume: primorosamente ; De Grazzia fez valer a sua bella voz de baixo no pequeno mas difficil papel do arauto ; Rossi satisfiz no do rei.

Queremos crer que houvesse no theatro cincoenta espectadores deliciados pela musica do *Lohengrin*, mas o publico, o grosso publico, esse não jura ainda por São Wagner. Tanto peor para elle.

—Repetio-se ante-hontem, e hoje repete-se o *Lohengrin*. Hontem cantou-se a *Lucia*, de Donizetti.

*

S. PEDRO.— Realisou-se neste theatro o beneficio de João Rosa com a primeira representação do *Alfageme de Santarem*, drama em 5 actos, de Almeida Garrett.

Como todas as peças deixadas pelo autor de *Frei Luiz de Sousa*, o *Alfageme de Santarem* é um verdadeiro primor, e por si só vale mais, talvez, que todos os dramas que em Portugal se têm escripto depois que se sumio tão luminoso espirito.

Rigor inexcedivel na exactidão historica, pintura fiel dos costumes de um passado remoto, preocupação artistica do pittoresco, estudo de caracteres, amaino engenhoso de scenas e situações, e, sobretudo, boa e san linguagem portugueza, taes são as qualidades que Almeida Garrett revelou nesta e em outras obras com que enriqueceu o theatro portuguez.

No meu entender é esse o espectáculo mais bello que nos tem dado até hoje a companhia lisbonense ; pena é que ella não trouxesse tambem no repertorio, não o *Frei Luiz de Sousa* (faltava-lhe uma actriz), mas o *Auto de Gil Vicente*, a mais encantadora comedia que se tem escripto em Portugal, inclusive as do proprio Gil Vicente e a *Herança do chanceller*, essa joia de Mendes Leal.

O desempenho dos papeis do *Alfageme de Santarem* foi muito regular, merecendo ser especialmente mencionado João Rosa, um Froilão Dias completo.

*

LUCINDA.— Um dos *Lobishomens* annunciados já subio á scena, e foi o do Lucinda. E' uma zarzuela em 1 acto, musica de Caballero, *Los Apparecidos*, já exhibida no Polytheama por uma companhia hespanhola. A acção está transportada para Portugal. Faz rir e enche o espectáculo, acompanhando o *Primeiro marido de França*, que continúa a agradar.

*

SANT'ANNA.— *Reprise da Mascotte*, de Audran, com a actriz Cifuentes no papel da protagonista, o Mattos no de Simão XL, o barytono Pollero no de André e o actor Nazareth no de Chrispim. Por ahi se vê que o desempenho não póde ser máo. Encenação magnifica. Muitos applausos.

*

POLYTHEAMA.— A companhia Tomba deu-nos o *Dia e a noite*, a bella opereta de Lecocq, já aqui conhecida em portuguez e francez.

*

RECREIO.— Reappareceram neste theatro a *Cavalleria rusticana* (drama) e os *Lobos marinhos*, zarzuela.

*

Os outros theatros não deram nada novo.

X. Y. Z.